

Economia

# Telefonia enfrenta desafios

Treze anos após a privatização do setor, o número de celulares subiu quase 3.000%, mas o alto custo é um dos problemas

**RIO** Se, em 1998, estar conectado era esperar pelo menos dois anos para ter uma linha telefônica fixa, hoje, mais de uma década após a privatização das telecomunicações no País, navegar em um celular com internet já é algo acessível a grande parte dos brasileiros.

O número de aparelhos móveis subiu de 7,3 milhões para 224 milhões nos últimos 13 anos após a venda do Sistema Telebrás à iniciativa privada – um salto de quase 3.000%, fazendo do País o sexto maior mercado do mundo.

Na fixa, o total de linhas dobrou, chegando a 42,5 milhões de casas, o quinto maior número do planeta. Tido pelos especialistas como o maior sucesso das privatizações iniciadas na década de 1990, por ter levado a telefonia fixa e móvel a 100% dos municípios, o setor tem desafios de sobra.

Na lista, os preços elevados e a dificuldade em levar banda larga fixa a cidades menores. “A univer-

salização da voz é passado. É preciso levar internet aos lugares mais pobres. E esse processo está lento. O Brasil ainda está em uma posição modesta em relação aos indicadores mundiais”, diz Virgílio Freire, ex-presidente da Vésper e da Lucent.

Juarez Quadros, ex-ministro das Comunicações, compara a escassez do telefone fixo de 13 anos atrás com a falta de internet banda larga hoje:

“Devem-se buscar soluções, como têm feito outros países.”

“O elevado preço dos serviços é uma das principais críticas ao período pós-privatização. Além da elevada carga tributária, a baixa competição ajuda a explicar os valores pagos pelos brasileiros”, diz Luiz Antonio Joia, diretor do Laboratório de Governo e Negócios Eletrônicos da FGV.

Segundo o IBGE, o valor da tarifa do telefone fixo subiu 132,34% entre 1998 e 2010, acima do IPCA no período (122,78%).

## OS NÚMEROS

**224 milhões**  
é o número de celulares no Brasil

**42,5 milhões**  
de casas têm linhas fixas no País

## Serviço mudou o Brasil

Do Norte ao Sul do País, a universalização dos serviços de telefonia mudou o dia a dia dos brasileiros – dos mais ricos aos mais pobres. Morando desde criança à margem do Rio Capibaribe, em Areal, a dona de casa Damiana Gomes Silva, de 51 anos, amargou boa parte de sua vida sem luz, água encanada e... telefone.

“Pobre não tinha direito a telefone. Era muito caro, um artigo de luxo. Só quem comprava era rico ou o pobre que tinha um bom emprego”, lembra ela, que há 10 anos conseguiu realizar o sonho de ter um telefone fixo.

Hoje, a pernambucana mantém a linha residencial, mas se desfez da conta pós-paga, porque ela chegava a R\$ 60 por mês. Desistiu do plano e passou a comprar cartão para o fixo, o que reduziu para R\$ 25 a despesa mensal com telefone:

“Dou pelo menos três ligações por dia e recebo umas 10. Há uns 10 anos, todo mundo aqui na cidade botou fixo em casa. Mas, com os celulares, eles foram se desfazendo e agora só usam telefones móveis”.



DAMIANA aderiu ao fixo pós-pago

O marceneiro Expedito Nunes da Silva também sente os reflexos da democratização do setor.

Cearense, ele chegou ao Rio em 1984. Naquela época, comunicava-se com seus clientes por telegrama ou ligava para eles do orelhão.

Hoje, além de uma linha fixa, Nunes da Silva tem dois celulares, que considera instrumentos de trabalho tão importantes quanto o martelo e a serra.



ACESSO À INTERNET BANDA LARGA, mesmo por computador, ainda é considerado um sério problema no País

NEY CARVALHO ESCRITOR

## “Gestão das estatais era péssima”

Estudioso da história empresarial brasileira, o escritor Ney Carvalho é um árduo defensor do processo de desestatização iniciado no Brasil na gestão de Fernando Collor de Mello.

Autor do livro “A guerra das Privatizações” (Editora de Cultura), ele atribui a má fama que recaiu sobre as privatizações “ao barulho” dos opositores, e diz que o mito fundamental que teve de ser combatido para que a venda das estatais saísse do papel foi o do nacionalismo.

“Tudo foi feito para proteger o nacionalismo varguista. Passou a ser nacionalista o que era estatal, como se o privado não fosse nacional”, diz.

> No seu livro, o senhor fala dos mitos da privatização? Quais são eles?

**NEY CARVALHO** — Havia três categorias de opositores às privatizações. A primeira eram os ideológicos, para quem toda economia tinha que ser estatal. Eles tinham isso como uma religião.

Aos fisiologistas, em sua maioria políticos, interessava manter o maior número de empregos estatais para terem mais cabos eleitorais.

E havia os corporativistas, diretores e funcionários de estatais, que tinham benesses que não existiriam em empresas privatizadas.

As privatizações ficaram com

má fama por causa do barulho que essas três correntes fizeram na época. Eles armaram um verdadeiro circo.

Tudo foi feito para tentar proteger o nacionalismo varguista. O nacionalismo foi o mito fundamental. Passou a ser nacionalista o estatal, como se o privado não fosse nacional, um discurso que nasceu com a campanha em defesa da Petrobras (na década de 1950).

“Passou a ser nacionalista o que era estatal, como se o privado não fosse nacional, discurso que nasceu da Petrobras”

> Quais foram os mecanismos para convencer a oposição?

Esses mecanismos de cooptação funcionaram, sobretudo com os funcionários das estatais que seriam privatizadas, que receberam descontos na compra das ações das empresas.

> Como o senhor classificaria o outro lado da trincheira?

Você tem uma academia, cuja raiz estava na PUC-Rio, que assumiu (postos-chave) no governo de Fernando Henrique Cardoso e que era francamente a favor das privatizações. Não deixavam de ser os

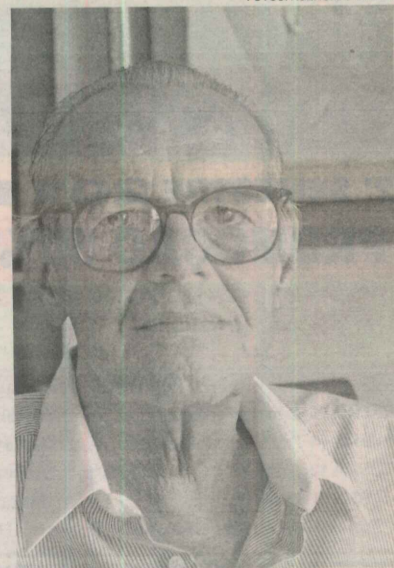
ideológicos (da corrente pró-desestatização). Os empresários não foram totalmente a favor.

Citaria ainda o funcionalismo do BNDES, que se agregou por ser uma equipe disciplinada. Tinha aquilo como missão.

> Quais os erros dos governos anteriores à onda de privatizações que levaram à situação de precariedade das estatais?

A gestão das estatais era péssima. Só não ser voltada para o lucro já é um pecado capital em termos de empresa. O problema da empresa estatal é que ela é voltada para seu corpo interno.

FOTOS: AGENCIA O GLOBO



CARVALHO: “Corpo interno”

**REALIZAMOS COBRANÇAS JUDICIAIS E EXTRAJUDICIAIS.**

Pessoa físicas e jurídicas.



Tratar tel.: 3237-2436

aloizio@munhaoadogados.com.br

**MUNHÃO ADVOGADOS ASSOCIADOS**

**Conselho Regional de Contabilidade do Espírito Santo**  
CRC - ES EDITAL DE CONVOCAÇÃO DAS ELEIÇÕES CRC-ES 2011

A Comissão Eleitoral do CRC-ES, no uso das suas atribuições legais e em cumprimento a Resolução CFC nº 1.340/2011, convoca todos os Contabilistas com Registro Definitivo, Transferido ou Provisório no CRC-ES para a eleição de 1/3 (um terço) dos seus membros e mandato complementar de um contador suplente, a se realizar na forma do presente Edital.  
PERÍODO: 10 a 19 de novembro de 2011  
HORÁRIO: Início – às 0h do dia 10/11/11, e Término – às 17h do dia 19/11/11  
FORMA: Online pelo site do CRC-ES – www.crc-es.org.br

Vitória, 16 de outubro de 2011.  
Contador João Alfredo de Souza Ramos  
Presidente da Comissão Eleitoral